

JÚLIA

NOS CAMPOS CONFLAGRADOS DO SENHOR

B. Kucinski

Material digital do professor

Elaborado por Haroldo Ceravolo Sereza

CC BY NC 3.0 BR





Júlia: nos campos conflagrados do Senhor

Bernardo Kucinski

Carta ao professor

Com este manual, apresentaremos algumas sugestões para abordar o conteúdo do livro de *Júlia – nos campos conflagrados do Senhor* com suas alunas e seus alunos. São propostas, que você pode adaptar à vontade, conforme à sua realidade e a de seus estudantes, para quem, de fato, coloca o processo educativo em prática e que conhece, melhor que ninguém, o dia a dia do trabalho de formar leitores.

Júlia é um livro que trata de forma ficcional um período difícil de nossa história, o regime militar instituído em 1964. O fato de ser uma novela, e não um livro de história, tende a favorecer uma leitura aberta ao diálogo e, ao mesmo tempo, engajada emocionalmente por parte de adolescentes e jovens.

Assim, a leitura de *Júlia*, a nosso ver, abre múltiplos caminhos para pensar tanto processos de linguagem quanto para apresentar questões de outras disciplinas, como história e geografia, por exemplo, de modo transdisciplinar. *Júlia* é uma novela, como dissemos, ou, se você preferir, um romance curto, escrito de modo bastante convidativo à reflexão sobre a escrita e as marcas do tempo na vida do indivíduo. Tem como principal protagonista uma jovem que busca entender o passado da própria família e também como esse passado se articula com a história do país.

Essas questões, que em *Júlia* estão situadas no período da ditadura militar, são pertinentes para qualquer leitor e para qualquer estudante, que também precisa refletir sobre o espaço e o tempo em que vive. *Júlia* inicia um processo de investigação que inclui observação atenta de episódios do cotidiano, conversas com pessoas mais velhas, pesquisa em documentos pessoais e de arquivo e análise de suas memórias para compor esse passado. Esse processo é muito rico e



OBRAS

978-65-5966-013-1 (ESTUDANTE)

978-65-5966-014-8 (PROFESSOR)

ELABORAÇÃO

Haroldo Ceravolo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum

Suzana Salama

Paulo Pompermaier EDIÇÃO

Ana Lancman

Sofia Boldrini

Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Felipe Musetti

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

ALAMEDA CASA EDITORIAL

Rua Treze de Maio, 353 • 01327-000

São Paulo SP

55 11 30122403

adm@alamedaeditorial.com.br



Figura 1: Depredação da sede do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, em 1964. Arquivo Nacional/Fundo Correio da Manhã; Wikipedia; CC-BY-NC.

produtivo, pois, durante essa verdadeira reconstrução da própria história, essa jovem amadurece e se constitui como um indivíduo mais maduro e consciente de seu passado e do passado do Brasil.

Como na ficção de tradição realista, muitos dos eventos mencionados em *Júlia* são reais, escorando a vida de personagens inventadas. Essa diferenciação nem sempre é clara para os estudantes, e aprender a identificar os elementos da realidade como forma de compor histórias ficcionais é apenas uma das possibilidades que a leitura da obra trará.

A ditadura militar é hoje um tema que precisa ser tratado na sala de aula, mas há muitos bloqueios, impostos a partir de fora da escola, ao trabalho que os professores e professoras precisam executar, em respeito à própria função que exercem na sociedade, a de educadores. Acreditamos que a abordagem do tema a partir de um livro de ficção, de um escritor consagrado como B. Kucinski, pode quebrar barreiras que os processos ideológicos criaram artificialmente.

Por fim, gostaríamos de dizer que *Júlia* não foi escrita como uma obra juvenil, mas desde o primeiro momento em que entregou o texto à editora, o escritor



Figura 2: Anúncio do AI-5, noticiado pelo Jornal Última Hora; Acervo Arquivo do Estado/Domínio público; Jornal Última Hora.

B. Kucinski, que se aposentou como professor de jornalismo na Universidade de São Paulo, afirmou imaginar que ela poderia ser uma leitura de estudantes do ensino médio, por conta de algumas características, como a temática difícil mas necessária, a questão da busca pela história pessoal pela personagem e a organização da narrativa em dois tempos paralelos.

Acreditamos que essa análise é precisa e esperamos que este livro seja uma leitura formativa e, ao mesmo tempo, prazerosa para os alunos e as alunas.

Boas leituras e bom trabalho!

Sumário

Carta ao professor	1
1 Sugestões de Atividades I	4
1.1 Pré-leitura: o Regime Militar	5
1.2 Leitura: os tempos das narrativas	7
1.3 Pós-leitura	10
2 Sugestões de Atividades II	11
2.1 Pré-leitura: Da carta à mensagem eletrônica .	12

2.2	Leitura: Capítulo 7 – «As cartas da Tia Hortência»	13
2.3	Pós-leitura: Escrevendo uma carta sobre Júlia .	14
3	Aprofundamento	16
3.1	Por que é importante lembrar a ditadura? . . .	16
3.2	O papel da ficção	19
3.3	Atividades para o aprofundamento da pesquisa	21
3.3.1	Geografia, História e Literatura	21
3.3.2	A escrita não ficcional sobre o passado	26
4	Sugestões de referências complementares	31
4.1	Sites:	31
4.2	Filme:	31
5	Bibliografia comentada	32

1 Sugestões de Atividades I

Tema Como contar uma história? A ideia de verossimilhança. As estratégias do escritor para criar tempos diferentes numa narrativa. A ditadura militar como história do Brasil e dos brasileiros. As estratégias de leitura de uma novela como *Júlia*.

Objetivos e justificativa Esse primeiro grupo de habilidades busca estimular o desenvolvimento de algumas habilidades da BNCC, entre as quais destacamos a de relacionar o texto, tanto na produção quanto na recepção, com suas condições de produção e contexto de circulação.

BNCC	1	Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP01		<i>Todos os Campos de atuação social</i>
Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.		

A primeira atividade que apresentamos foi imaginada prioritariamente para a condução por professores de língua portuguesa. Buscamos, com ela, favorecer o mergulho dos estudantes nessa leitura, tanto no tema ou trecho da novela em si, quanto nos elementos formais que permitem a construção da ideia de verossimilhança num romance ficcional.

Uma das exigências de qualquer texto, seja uma placa de trânsito, seja um romance com milhares de páginas, é a de responder ao que a linguística chama de “metarregra da coerência”. Na leitura literária, sobretudo na ficção de tradição realista, na qual podemos enquadrar *Júlia*, para que essa metarregra seja observada, o texto deve responder ao que os críticos costumam chamar de “verossimilhança”: mais do que reproduzir o real, o texto deve representar o real de forma que os elementos ficcionais sejam entendidos com uma representação da realidade convincente. Dito de outra forma, a história contada não precisa ter acontecido, mas precisa, sim, parecer ter acontecido.

Nossa leitura de *Júlia* vai apresentar uma série de recursos usados pelo autor para criar essa verossimilhança, formas de escrita que servem para a reconstituição de histórias de vida e do país, seja pela via da ficção, ou seja, imaginando episódios e personagens que não necessariamente existiram, seja na não ficcional, em que se espera um firme compromisso bem mais estrito do escritor com os fatos observados.

1.1 Pré-leitura: o Regime Militar

A leitura do texto de *Júlia* torna-se imediatamente mais instigante quando apresentado o contexto do seu enquadramento histórico, ou seja, quando temos uma dimensão temporal do que significou a ditadura militar.

O primeiro passo é mostrar que o regime durou 21 anos, mais do que a idade da maioria dos leitores em sala de aula (exceto se estivermos numa sala de educação de jovens e adultos).

Isso significa que as alunas e alunos que estão lendo a obra, caso tivessem nascido no primeiro dia do regime militar, ou seja, 1º de abril de 1964, ainda estariam vivendo sob



Figura 3: Artistas protestam contra a ditadura militar em fevereiro de 1968. Na imagem, Tônia Carrero, Eva Wilma, Odete Lara, Norma Bengell e Cacilda Becker; Arquivo Nacional/Fundo Correio da Manhã. Autor desconhecido; Wikipedia; CC-BY-NC.

ele. Isso significa um período longo do ponto de vista pessoal, e também que esse regime não é totalmente homogêneo, passando por mudanças durante esses anos todos.

Por outro lado, o fato de o presidente deixar de ser um militar em 1985 não elimina, imediatamente, sua herança. Um período tão longo como esse deixa marcas profundas não só no passado, mas também no futuro.

De todo modo, ainda hoje, sabemos que a ditadura militar é uma história pouco conhecida e que apresenta episódios importantes ainda não bem estudados ou compreendidos mesmo por especialistas. Daí sua urgência como tema na escola.

Durante esse exercício de apresentação, o professor pode indicar os nomes dos presidentes do período, mostrar índices econômicos e sociais representativos, como inflação e mortalidade infantil, e também apresentar imagens icônicas de diferentes momentos da ditadura. Também é possível usar a vasta produção musical do período que faz referência direta ou indireta ao movimento, em especial de compositores e cantores, como Gilberto Gil, Elis Regina, Chico Buarque. O importante



Figura 4: Manifestação das Diretas Já em Brasília, diante do Congresso Nacional. 23 de abril de 1983. Agência Brasil; Wikipedia; CC-BY-NC.

é dar um panorama que favoreça o mergulho no período: é uma aula para, digamos, “abrir o túnel do tempo”.

Aqui, além de habilidades de Língua Portuguesa, essa aula certamente colaborará para o desenvolvimento da habilidade identificar, caracterizar e relacionar a presença do autoritarismo na sociedade brasileira.

BNCC

2

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS602

Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.

Tempo estimado: uma aula de 50 minutos.

1.2 Leitura: os tempos das narrativas

Uma característica muito marcante do texto de B. Kucinski é sua clareza expositiva. Essa clareza é reconfortante. Quem o lê sente-se diante de um narrador confiável, comprometido

com o entendimento do texto e respeitoso para com o leitor. O tema difícil encontra, o que é muito convidativo à leitura, uma escrita direta e sincera.

Assim, quando começa a ler seus romances e contos, o leitor rapidamente perde o medo do livro e do autor. Nesse pacto de leitura que se estabelece, o leitor deixa de considerar a figura do autor como alguém “especial” ou mesmo “sagrado”, imagem que muitas vezes o próprio objeto-livro parece impor.

Para motivar os alunos a lerem integralmente o livro, sugerimos que o professor ou a professora estimulem os estudantes a se prepararem para a aula, lendo os dois primeiros capítulos. Sabemos, no entanto, que, especialmente nesse momento inicial, muitos deles não se sentem confiantes de que poderão fazê-lo ou têm outras atividades que lhes parecem mais atrativas ou urgentes. Para quebrar esse “gelo”, sugerimos que, mesmo que a maioria dos estudantes tenha lido o texto, que os trechos iniciais dos primeiros capítulos sejam relidos, em voz alta, em sala de aula.

Não é preciso, embora se possa, caso o docente prefira, ir além da primeira página de cada um dos dois capítulos. A ideia é capturar a atenção dos que ainda estão intimidados e conseguir contagiá-los para a leitura da novela. Isso porque esses dois capítulos apresentam, de modo bastante explícito, algo estruturante da obra: sua articulação temporal.

As habilidades relacionadas a esta aula são:

BNCC**3****Habilidades de Língua Portuguesa****EM13LP02***Todos os Campos de atuação social*

Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coesão, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

BNCC
4
Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP03
Todos os Campos de atuação social

Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

Os trechos devem ser lidos em voz alta pelo docente ou por alguns alunos e alunas, aguçando a curiosidade sobre Júlia e sobre Durval. Após a leitura desses trechos, caberia ao docente abrir um debate chamando a atenção para os seguintes pontos:

- No capítulo 1, a situação dramática inicial, em que, na divisão da herança, Júlia, a protagonista, inicia seu processo de autodescobrimento do passado.
- No capítulo 2, intitulado “Trinta anos antes”, temos a prisão de estudantes do ITA, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, onde trabalha Durval.

Após chamar a atenção dos alunos, propomos que o professor pergunte aos alunos: “O que será que une Júlia a Durval?”; “É possível supor o ano em que se passam os dois episódios?”; “Quais os tempos dessa história?”

Espera-se que os estudantes discutam esses temas de modo aprofundado, trazendo informações que já possuem sobre a história do país e experiências pessoais semelhantes, que favoreçam a leitura da obra.

Mais do que respostas certas, a ideia é colocar para os alunos questões que vão sendo respondidas ao longo do texto, mostrando que a simples apresentação do problema pelo escritor sugere caminhos de leitura e perguntas que estimulam a imaginação do leitor.

Essa aula busca, assim, criar expectativas para que os alunos se sintam encorajados a seguir com a leitura de modo autônomo, num diálogo aberto com o texto.

Tempo estimado: uma aula de 50 minutos.

1.3 Pós-leitura

Como atividade pós-leitura, queremos que os estudantes ampliem o domínio sobre as formas de escrita do passado, por meio da produção de um texto criativo.

As principais habilidades relacionadas a essa atividade, neste momento, são:

BNCC **5**

Habilidades de Língua Portuguesa

EM13LP11

Todos os Campos de atuação social

Fazer curadoria de informação, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.

BNCC **6**

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS502

Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

Assim, o docente deve propor às alunas e aos alunos que busquem uma história familiar ou de conhecidos e que essa história possa ser contada em dois tempos, de modo semelhante à forma encontrada por B. Kucinski nos dois capítulos iniciais para introduzir a trama de *Júlia*.

O aluno deve buscar duas personagens e escrever um texto de uma página sobre cada uma delas. A história dessas duas pessoas deve, de alguma forma, conter uma relação a ser, eventualmente, revelada. Mas não é necessário, nestes textos, deixar evidente essa relação.

Também é uma opção do aluno escrever uma história ficcional (total ou parcialmente) ou um relato não ficcional. O importante é encontrar dois focos narrativos ligados às duas personagens, que devem estar distantes no espaço ou no tempo.

Essas personagens podem ser um avô ou avó, ou um tio ou tia, ou mesmo um vizinho, um amigo de um conhecido.

A sugestão de uma página por personagem é isso mesmo: só uma sugestão, um limite indicativo. Se o aluno quiser ir além, a professora ou o professor devem estimulá-los a escrever o quanto acharem necessário.

Numa atividade como essa, é importante dar um retorno aos alunos sobre a produção. Esse retorno pode ser colocado coletivamente, com o professor expondo histórias interessantes e pontos fortes da escrita dos alunos para a classe em geral. Certamente, os estudantes irão se interessar pelas histórias uns dos outros, e bem como pelas estratégias narrativas escolhidas pelos colegas.

Caso o professor considere útil, além da exposição coletiva, poderá dar retornos individuais, com sugestões que façam os alunos avançarem na história. O importante aqui é estimular os alunos a escreverem cada vez mais!

Tempo estimado: duas aulas de 50 minutos (uma para a escrita - com conclusão em casa, caso o aluno ou aluna prefira, outra para uma conversa sobre os resultados).

2 Sugestões de Atividades II

Tema Uma história como *Júlia* conta com várias estratégias narrativas. Uma delas é recorrer a diferentes formas textuais. Aqui, a ideia é mergulhar numa delas, a escrita de cartas.

BNCC

7

Habilidades de Língua Portuguesa

EM13LP29

Campo das práticas de estudo e pesquisa

Resumir e resenhar textos, por meio do uso de paráfrases, de marcas do discurso reportado e de citações, para uso em textos de divulgação de estudos e pesquisas.

Objetivos e justificativa Esta atividade é direcionada especificamente para as aulas de língua portuguesa. Queremos, nesse grupo de atividades, aprofundar os conhecimentos sobre as cartas e correspondências eletrônicas, estabelecendo

laços e diferenças entre esses métodos de comunicação, mas também apontar como os escritores de ficção se apropriam desse gênero para conferir verossimilhança à escrita.

Além disso, queremos aproveitar essa atividade para que os estudantes se mostrem capazes, ao final dela, de se apropriarem de partes do livro e serem capazes de relatar o lido a um interlocutor, com um objetivo específico.

Se a escrita responde a uma necessidade de comunicação que supere os limites da linguagem oral, a troca de mensagens com maior perenidade é uma das decorrências mais importantes dessa invenção da humanidade.

Seja na forma escrita, enviada pelo correio, ou digital, o e-mail, as cartas permanecem sendo importantes meios para trocar informações mais complexas, que os mensageiros instantâneos do celular e mesmo as conversas telefônicas não dão conta.

A partir da leitura de *Júlia*, em que as cartas da tia Hortência têm um papel fundamental na compreensão da trama, buscaremos ampliar o domínio da escrita dessa forma textual, de modo a produzir uma reflexão sobre o papel dessa escrita no dia a dia e também na literatura.

Esse grupo de atividades foi pensado, essencialmente, para a disciplina de Língua Portuguesa.

2.1 Pré-leitura: Da carta à mensagem eletrônica

Durante a vida escolar, a escrita de cartas é um tema que atravessa diversos momentos. Por quê, então, retomá-la neste momento?

A primeira questão é dominar ainda mais a sua escrita. A retomada do tema permitirá ao estudante se aprofundar nas mudanças que os diferentes meios e ocasiões permitem. O segundo, e bastante interessante, é notar a presença dessa forma na produção ficcional.

Assim, como atividade de pré-leitura, sugerimos que às professoras e professores que apresentem, num sobrevoo, os diferentes tipos de cartas: a carta de amor (como nas cartas de Abelardo e Heloísa, a carta-documento, com a de Pero Vaz de Caminha; cartas comerciais etc.). O importante é mostrar que

as cartas se constituíram, ao longo da história, numa forma fundamental da vida cotidiana. Também é interessante o professor falar sobre os romances epistolares, ou seja, obras ficcionais escritas como se fossem trocas de cartas entre as personagens. O docente pode, por exemplo, citar o caso do livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, imaginado como uma coleção de cartas de um jovem que narra sua paixão por Carlota a um amigo e que é considerado um dos grandes marcos da literatura ocidental e do romantismo alemão.

Ainda nessa exposição, vale adentrar no gênero específico de carta usado por B. Kucinski no romance, a carta familiar. Por muito tempo, as cartas de família serviram para trocar informações importantes sobre a vida de parentes que viviam em diferentes cidades. Até o surgimento do telefone e, depois, da internet.

Para provocar o envolvimento da turma, sugerimos que o docente se dirija aos estudantes, ao final de sua exposição, com uma pergunta: “O que muda na correspondência quando passamos a usar o e-mail?”

Após os debates, o professor deve lembrar à classe que, para a aula seguinte, é preciso pedir à turma que leia o capítulo 7 do livro, “As cartas da tia Hortência”.

Tempo estimado: uma aula de 50 minutos.

2.2 Leitura: Capítulo 7 – «As cartas da Tia Hortência»

Para essa atividade, sugerimos uma leitura coletiva das cartas que integram o capítulo 7 do livro *Júlia – nos campos conflagrados do Senhor*. Novamente, mesmo que os estudantes tenham lido o capítulo, a leitura coletiva deve funcionar também como um novo estímulo para que as alunas e alunos se engajem na leitura completa do livro. Além disso, é uma forma de mergulhar no objeto deste grupo de atividades, a carta como gênero textual.

As cartas do capítulo 7 são parte dos documentos que Júlia encontrou, no capítulo 5, e que sugerem uma história sobre o país e sobre ela mesmo que desconhecia. Esses documentos vão mudar o modo como Júlia encara o passado. Lidas por ela, adquirem novo sentido. Essas são questões importantes a se debater com os estudantes.

Após a leitura em voz alta do capítulo, o que pode ser feito pelo professor ou por diferentes estudantes (sugerimos que um estudante leia uma carta e outro o trecho em que Júlia avalia o sentido do documento, envolvendo assim pelo menos oito alunas e alunas diferentes), o professor pode fazer as seguintes perguntas à classe:

1. Quando e de onde são enviadas as cartas?
2. A quem são dirigidas as cartas, originalmente?
3. O que muda quando não é o destinatário imaginado pelo autor da carta quem a lê?

Tempo estimado: de uma a duas aulas de 50 minutos.

2.3 Pós-leitura: Escrevendo uma carta sobre Júlia

Aqui, vamos fazer um exercício de imaginação. Partiremos da ideia de que a aluna ou o aluno é uma amiga ou amigo de Júlia, com quem não tem contato há muitos anos, mas que conhece sua história.

O ano é de 2018 e uma jornalista acaba de descobrir e publicar uma reportagem que mostra ter havido, no Brasil, uma série de sequestros e adoções ilegais de crianças filhas de militantes políticos e camponeses de regiões de guerrilha durante o regime militar.

Diante dessa situação-problema, vamos sugerir às alunas e alunos que se coloquem na posição de alguém que decide contar a essa jornalista o caso de Júlia, por meio de uma carta, a ser enviada para a redação do jornal. Essa carta deve ser escrita à mão e resumir as principais informações do livro e também detalhar as informações pessoais disponíveis para que a jornalista busque documentos que comprovem a veracidade do caso e possa, com as informações possíveis, procurar Júlia nas redes sociais e na internet.

Para a tarefa, o estudante terá, nessa carta, de apresentar o livro primeiro como se seu relato fosse verídico, ou seja, como se fosse uma obra de não ficção, desenvolvendo a seguinte habilidade:

BNCC **8**
Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP29
Campo das práticas de estudo e pesquisa

Resumir e resenhar textos, por meio do uso de paráfrases, de marcas do discurso reportado e de citações, para uso em textos de divulgação de estudos e pesquisas.

Após esse exercício, abrir a possibilidade para a produção de uma resenha literária. Nesse caso, uma outra habilidade está em pauta:

BNCC **9**
Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP45
Campo jornalístico-midiático

Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editoralista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros.

Vamos lá?

Tempo estimado: duas aulas de 50 minutos.

BNCC 10
Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP07
Todos os Campos de atuação social

Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deôntica e apreciativa) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais, tempos e modos verbais, expressões modais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas, advérbios, locuções ou orações adverbiais, entonação etc.), uso de estratégias de impessoalização (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção.

BNCC 11
Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP09
Todos os Campos de atuação social

Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola.

BNCC 12
Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP10
Todos os Campos de atuação social

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.

3 Aprofundamento

3.1 Por que é importante lembrar a ditadura?

A leitura de *Júlia – Nos campos conflagrados do Senhor*, de B. Kucinski, nos coloca diante de questões muito diferentes. Porque, como escreveu o resenhista Camilo Vannuchi, “*Júlia*

é um livro sobre sequestro de crianças na ditadura. É também um livro sobre a indignação de um homem comum, um professor universitário, diante da violência e o arbítrio”.

Ao trazer a questão da violência de Estado, ou seja, do arbítrio, para o centro da narrativa, Kucinski participa de um projeto, compartilhado por muitos escritores de ficção brasileiros contemporâneos, de jogar luz sobre um período sombrio e proibido. A escolha pela via ficcional, neste caso, não apenas de “contar histórias”, embora jamais deixe de ter essa intenção, mas também de recuperar justamente aquilo que foi interdito: a reparação aos perseguidos políticos brasileiros.

Nas décadas de 1960 e 1970, e avançando nos anos em muitos lugares, não foram poucos os regimes ditatoriais em todo o planeta. Apenas na América do Sul, o período é marcado por ditaduras no Brasil (1964-1985), Argentina (1976-1983), Uruguai (1973-1984), Bolívia (1971-1985), Chile (1973-1990), Paraguai (1954-1989) e Peru (1968-1980). Em muitos momentos, diversos desses países colaboraram entre si na perseguição a opositores, na chamada Operação Condor.

Entre os países da região, muitos buscaram, em alguma medida, garantir o que chamamos de direito à memória e à verdade. Contabilizando milhares de opositores mortos e desaparecidos, além de outras formas de repressão e violência que incluem desde a perda de empregos (como ocorre com Durval em *Júlia*) ao banimento do país e a perda da cidadania brasileira, esses regimes deixaram consequências que vão muito além do período em que ocorreram. Nenhum, entretanto, foi tão reticente em fazer uma autocrítica e dar voz às pessoas que sofreram nas mãos do regime quanto o Brasil.

Sobre essa questão, o filósofo Edson Teles, professor da Universidade Federal de São Paulo, afirma que “uma ditadura não se mede pelo número de mortos e desaparecidos que produziu, mas pelo impacto que gerou no país, o que se percebe pela herança autoritária vivida em democracia”.

Desse modo, Teles se coloca entre os que apontam a ditadura brasileira como uma das mais violentas do período, embora, em comparação com outras, tenha produzido um número oficial menor de mortos e desaparecidos políticos. Isso porque ela deixou uma série de “restos”: “Poderíamos dizer



Figura 5: Manifestantes simulam o método de tortura conhecido como pau de arara em Brasília; Wikipedia; CC-BY-NC.

que a maior delas encontra-se na imposição de uma cultura de impunidade, que privilegia a violência e os que detêm o poder político em detrimento da ideia de uma cidadania plena”, afirmou ele em entrevista à revista *IHU Online*, ligada à Unisinos, universidade católica situada no Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Teles é um pensador do período, mas também uma vítima: tinha apenas quatro anos de idade quando foi levado a uma sessão de tortura de sua mãe, Maria Amélia de Almeida Teles, ou seja, sofreu, ainda na primeira infância, uma forma de tortura psicológica, e foi usado para pressionar sua mãe. Sua história está contada em diversos depoimentos, seus e de seus familiares.

Episódios assim provocaram marcas profundas na sociedade brasileira, mas o Estado brasileiro abriu poucos espaços para reparar os crimes cometidos contra os indivíduos e a sociedade. Há uma espécie de interdição em relação à ditadura, como se esse fosse um assunto superado e que tudo deve ser esquecido.

Esse caminho não foi o seguido por outros países. A África do Sul, do apartheid, por exemplo, onde o regime de segregação racial perdurou por décadas, limitando e perseguindo as pessoas e a cultura dos povos negros, decidiu encarar, logo após o fim do regime, em 1994, com mais coragem. Como explica Edson Teles na mesma entrevista, na África do Sul foi feita “a opção pela narrativa e publicidade dos crimes do Apartheid. O Brasil escolheu o silêncio. A anistia sul-africana foi individual, caso a caso, crime a crime, e só foi concedida depois da confissão pública do ato criminoso e do esclarecimento do que foi feito com o corpo das vítimas. No Brasil, como vocês sabem, a anistia foi genérica e, simbolicamente, acabou por tornar inimputáveis os autores de crimes bárbaros praticados enquanto eram funcionários do Estado”.

Com evidentes diferenças, também foi mais corajosa a decisão da Argentina, onde diferentes processos levaram lideranças do governo da ditadura militar a julgamento e condenação, incluindo três ex-militares presidentes da República. Também se procurou ouvir e dar voz aos perseguidos, com a criação de espaços de memória, tão raros no Brasil.

3.2 O papel da ficção

O próprio B. Kucinski, num encontro com críticos de sua obra, avaliou que o fato de a sociedade brasileira não ter olhado para o passado colocou um problema para a identidade nacional. Fazendo uma analogia com a Alemanha, o escritor, que é descendente de judeus que deixaram a Europa antes da Segunda Guerra Mundial, Kucinski afirmou que tentar entender como o país chegou ao Holocausto passou a ser um problema da identidade alemã. Segundo ele, demorou cerca de duas décadas, mas essa mudança ocorreu e hoje faz parte das políticas públicas estudar o nazismo e entender como o país produziu tamanho grau de violência. “O nazismo se tornou um problema identitário para o alemão”, explica ele.

De certo modo, por meio de sua ficção, B. Kucinski busca colocar em debate o ocorrido na ditadura militar e suas consequências, com a disseminação da violência por toda a sociedade, que hoje apresenta altíssimos níveis de letalidade policial e de assassinatos de jovens, mesmo muitos anos após o período claramente ditatorial.

Eurídice Figueiredo, autora do livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, ao tratar de *K. Relato de uma busca*, primeiro romance de B. Kucinski, afirma que ele é um autor de estilo “enxuto e fragmentário”, que “atinge a emoção do leitor sem apelar para o melodramático, pelo contrário, ele usa da ironia e do despojamento da linguagem para criar o ambiente absurdo, claustrofóbico e apavorante em que se viu o pai diante do sumiço da filha”. A mesma estudiosa, em outro momento de seu livro, explica o papel da ficção na compreensão da ditadura brasileira: “Só numa dimensão ficcional é possível entrever nas dobras da história os interditos”.

Tomemos essas duas sugestões de Figueiredo para refletir sobre a força narrativa de *Júlia*. A opção da novela, por contar a história da protagonista em dois tempos, e tornar isso explícito inclusive com o uso de tipos tipográficos diferentes, sugere uma tentativa explícita de B. Kucinski de colocar o leitor em contato com dois tempos diferentes.

Primeiro, temos, de trás para frente, o tempo da leitura, os anos 2020 (quando o livro foi originalmente publicado). De-

pois temos os anos 1990, quando Júlia entra em contato com o seu passado; por fim, temos os anos 1960, quando há o golpe militar que desorganiza a vida social brasileira.

Pensando retrospectivamente, é como se Kucinski apontasse, em *Júlia*, para o momento em que teríamos tido a grande oportunidade de buscar esse passado, ou seja, 30 anos após o golpe de 1964, quando já havia a nova Constituição e o país havia superado os primeiros anos do regime sob essa nova lei, marcados pela crise do período da presidência de Fernando Collor de Mello e pela estabilização pós-impeachment dos anos de Itamar Franco, que o sucedeu.

Porém, mais de outras duas décadas se passaram sem que o país tenha olhado para o passado e buscado essa restauração. Assim, *Júlia* acaba se tornando uma espécie de proposta de restauração dessa memória, uma nova tentativa de retomar as oportunidades perdidas. Ainda segundo Figueiredo, a literatura sobre a ditadura se coloca como “elemento ativo na transmissão da memória para que não se apague aquilo que afetou a vida das pessoas”.

A leitura de *Júlia* e de toda a ficção sobre o regime militar produzida nos últimos anos mostra que os muitos escritores tomaram para si uma responsabilidade que, em tese, era a do Estado: manter viva essa história, para que o passado ditatorial se torne um problema que todo brasileiro deve percorrer e elaborar, de modo que sua violência seja de fato superada, e não varrida para debaixo do tapete da história e reproduzida no cotidiano.

A história do regime militar é hoje uma tópica, ou seja, um assunto recorrente em nossa literatura, e B. Kucinski, um de seus autores mais emblemáticos. A produção literária e a crítica sobre esse período são crescentes, e sua recorrência mostra que a ficção tem também esse papel: o de não deixar apagar a realidade.

3.3 Atividades para o aprofundamento da pesquisa

3.3.1 Geografia, História e Literatura

Tema O espaço e o tempo na literatura. Onde se passam os acontecimentos de uma ficção? Como identificar e compreender o tempo dos fatos de uma novela como *Júlia*? O conjunto dessas atividades desenvolverá, entre outras, as seguintes habilidades:

BNCC 13

Habilidades de Língua Portuguesa

EM13LP33

Campo das práticas de estudo e pesquisa

Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

BNCC 14

Habilidades de Língua Portuguesa

EM13LP16

Todos os Campos de atuação social

Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

BNCC 15

Habilidades de Língua Portuguesa

EM13LP10

Todos os Campos de atuação social

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.

Objetivos e justificativa Assim, estas atividades são direcionadas especificamente para as aulas de geografia e história, ainda que possam contar com a colaboração dos docentes de língua portuguesa. Acreditamos que a leitura de *Júlia* com os estudantes pode ser também bastante estimulante para um aprendizado transversal.

Além disso, queremos usar este processo para que os estudantes se engajem ainda mais numa leitura atenta de *Júlia* e se mostrem capazes, ao final dela, de se apropriarem da história do livro e serem capazes de relatar o lido a um interlocutor, com um objetivo específico.

BNCC **16**

Habilidades de Língua Portuguesa

EM13LP33

Campo das práticas de estudo e pesquisa

Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

Metodologia Esse conjunto de atividades procura, de modo transversal, incorporar conhecimento e estratégias de aprendizagem dessas áreas, tornando a leitura da novela mais complexa e completa.

Sabemos que a personagem *Júlia* busca recuperar o passado e, assim, a professora ou o professor precisa, sempre, contextualizar a trama da obra.

O capítulo dois do livro menciona a prisão de estudantes do ITA, o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, no navio Raul Soares, em Santos, cidade litorânea do Estado de São Paulo, onde fica o maior porto marítimo brasileiro. Mas a trama não se desenvolve só ali: na realidade, ela percorre inúmeras cidades do Vale do Paraíba, região industrial situada entre São Paulo e Rio de Janeiro, e também a própria capital paulista.

Uma curiosidade sobre os bastidores dessa publicação: um dos títulos pensados por B. Kucinski para o livro seria *Júlia – nas planícies conflagradas do Senhor*, justamente pelo fato de o livro se passar sobretudo numa região com essas caracterís-



Figura 6: Navio Raul Soares, ca. 1926. Domínio público/Wikipedia.
CC-BY-NC.

ticas. Por fim, acabou optando por “campos”. A possibilidade da utilização desse título, no entanto, demonstra a importância do espaço na construção da narrativa.

Essas atividades procuram situar em detalhes a novela nos tempos e nos espaços identificados pelo narrador.

Pré-leitura: verbete, uma forma de escrita Para começar essa série de atividades, o professor deve apresentar aos estudantes um resumo do que o volume 1 do relatório da Comissão Nacional da Verdade, disponível na internet, diz sobre o navio-prisão Raul Soares. Sugerimos uma atenção especial para o verbete “Navio Raul Soares – São Paulo”. Eventualmente, o professor pode buscar informações adicionais abundantes na internet sobre esse episódio, em reportagens em texto e vídeo.

Nessa pré-leitura, o objetivo é mostrar a relação episódica do fato com a obra e a apresentar, também, uma forma de escrita muito especial: o verbete.

Um verbete é um apontamento bastante objetivo e, ao mesmo tempo, breve sobre algo – que pode ser uma palavra, no caso de um dicionário comum, um fato histórico ou qualquer outra coisa que permita tal abordagem.

O verbete é a forma como se organizam dicionários, enciclopédias e muitos manuais. Essa forma é bastante útil para a organização e sistematização do conhecimento, que os alu-

nos de antigamente consultavam no papel e que hoje, mais comumente, usam a internet.

Os professores podem, havendo tempo, discutir as formas de construção de um verbete – seja a busca por escritores especializados, no caso dos dicionários e manuais e, antigamente, das enciclopédias, seja a construção colaborativa da enciclopédia virtual Wikipedia, provavelmente a mais conhecida das alunas e alunos.

O docente pode ainda discutir os riscos da construção coletiva, a possibilidade de manipulação e as formas de controle que a Wikipedia (<https://pt.wikipedia.org>) usa para evitar esse problema. Uma possibilidade é apresentar, justamente, uma leitura crítica do verbete “Raul Soares (navio)” da Wikipedia e compará-lo com o verbete da Comissão Nacional da Verdade.

Outro caminho interessante é mostrar o exemplo da Desciclopédia (<https://desciclopedia.org>), uma espécie de Wikipedia humorística, em que a forma é emulada, mas sem o compromisso com a veracidade das informações. Ou seja, mostrar como a forma verbete se presta não só para “coisa séria”, mas também para fazer piada.

Tempo estimado: uma aula de 50 minutos.

Leitura: uma lista de lugares Como atividade de leitura, o professor deve pedir aos estudantes que identifiquem as cidades e espaços mencionados ao longo do romance. Por exemplo, o ITA, em São José dos Campos, o Porto de Santos, o apartamento de Júlia, a Faculdade de Medicina da Santa Casa... Há muitos outros... A ideia é que, durante a leitura, os estudantes componham uma lista, que será utilizada na atividade de pós-leitura.

Durante o semestre, o professor responsável por sua organização, que pode ser o de língua portuguesa, o de história e o de geografia, deve orientar os alunos a, durante a leitura ir organizando essa lista. Esse trabalho pode ser feito em grupo, mas também individualmente, e deve ser compartilhado pela classe.

Tempo estimado: duas aulas de 50 minutos.

Pós-leitura: E se *Júlia* virasse um mapa? Com o apoio dos professores de geografia e história, ou mesmo com a condução de um deles, a leitura de *Júlia* pode se transformar num mapa colaborativo, a ser disponibilizado na Internet, inclusive para outros leitores do livro!

A ideia é que essa seja uma tarefa semestral de geografia ou história.

Sabemos que, na rede mundial de computadores, é possível valer-se de ferramentas colaborativas como o Google Maps para a construção de mapas colaborativos. Dessa forma, pretendemos também estimular o uso de ferramentas e a produção colaborativa em ambientes digitais.

BNCC 17

Habilidades de Linguagens e suas Tecnologias

EM13LGG703

Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

Recomendamos a formação de grupos de até cinco alunos, de modo que cada aluno seja responsável por um ou no máximo dois verbetes, que devem ter de cinco a dez linhas. Os alunos podem e devem se ajudar, mas é importante que todos se engajem nesse processo, pois a produção de verbetes é uma das habilidades da BNCC que a atividade deve estimular.

BNCC 18

Habilidades de Língua Portuguesa

EM13LP33

Campo das práticas de estudo e pesquisa

Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

Os professores de geografia e história podem usar o mapa colaborativo para retomar temas como o desenvolvimento e a industrialização do Vale do Paraíba, ou características físicas da região. São exemplos. O que queremos, nessa atividade conjunta, é justamente aproveitar o potencial transdisciplinar na obra e a possibilidade de a sua leitura gerar uma nova produção textual.

Ao final dos trabalhos, o mapa colaborativo pode ser disponibilizado para a comunidade escolar ou mesmo tornar-se totalmente público, a depender do resultado alcançado.

Tempo estimado: quatro aulas de 50 minutos, no total, que podem ser diluídos em partes de aulas das diferentes disciplinas.

3.3.2 A escrita não ficcional sobre o passado

Tema O objetivo desse conjunto de atividades é permitir aos alunos um exercício de escrita estritamente não ficcional. Do ponto de vista da escrita, queremos desenvolver técnicas de redação comprometidas não com a verossimilhança, mas com a fidelidade ao relato. Como recontar um passado traumático?

Objetivos e justificativa A releitura do passado exige diferentes estratégias discursivas. A busca pela via ficcional, encontrada por B. Kucinski em *Júlia*, é uma, mas o relato não ficcional, comprometido com a memória afetiva e factual dos envolvidos, é outra.

Essa atividade pode ser desenvolvida tanto por professores de língua portuguesa quanto por professores de histórias ou, ainda, em conjunto pelos responsáveis das duas disciplinas.

O fundamental aqui é apresentar as dificuldades de retratar o período e sugerir uma atividade que busque retomar o período de modo respeitoso, especialmente para aqueles que tanto sofreram em decorrência dele.

Pré-leitura: O fim do regime militar Cabe ao docente responsável pela atividade apresentar aos alunos os últimos anos do regime militar. Assim, sugerimos dois marcos temporais: a aprovação da lei da anistia, em 1978, e o fim da Assembleia Nacional Constituinte, em 1988.



Figura 7: Ulisses Guimarães; Wikipedia; CC-BY-NC.

Esse é um período de intensa mobilização social e política brasileira. Com a aprovação da Anistia, muitos exilados políticos puderam retornar ao Brasil, onde encontraram um movimento sindical em plena atividade e uma reorganização política em andamento.

Pressionada, a ditadura permite a criação de novos partidos, acabando com o sistema de apenas dois partidos, um que sustentava o governo, outro que fazia oposição. Nesse clima de fermentação política acontecem as primeiras eleições diretas para governadores (1982), a campanha por eleições diretas para presidente (as Diretas-Já!, em 1984), que acabou não ocorrendo, a eleição de uma chapa de civis para a presidência da República em 1985, com Tancredo Neves e José Sarney, ambos do PMDB, como presidente e vice, a instauração da Assembleia Nacional Constituinte após as eleições de 1986 e a redação da Carta Constitucional em 1988.

Apesar dessa vida ativa, a Anistia aos militares que participaram de crimes como tortura, sequestro e assassinato foi mantida pela Constituinte, como que colocando uma barreira ao debate de uma releitura crítica do passado, ao contrário do que estava ocorrendo, por exemplo, na Argentina, com já se começava a discutir a violência de Estado contra os seus próprios cidadãos.



Figura 8: Monumento Tortura Nunca Mais, no Recife. Foto de Marcusrg. Wikipedia/cc BY 2.0.

Do ponto de vista econômico e social, o país estava numa enorme crise: a inflação anual passava dos 200% ao fim da ditadura e o desemprego era enorme. Não havia um sistema de saúde público universal, como temos hoje o SUS, e a maioria das crianças deixava a escola muito antes de chegar ao ensino médio.

A retomada desse cenário deve ser entendida como a abertura de um caminho para a compreensão desse passado.

Tempo estimado: uma aula de 50 minutos.

Leitura: O professor aqui deve pedir uma leitura especial do último capítulo do livro *Júlia – nos campos conflagrados do Senhor*. Essa leitura pode ser feita fora da sala de aula e não é necessária a releitura coletiva nesse caso.

Duas habilidades serão desenvolvidas nessa atividade:

BNCC	19	Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP29		<i>Campo das práticas de estudo e pesquisa</i>
Resumir e resenhar textos, por meio do uso de paráfrases, de marcas do discurso reportado e de citações, para uso em textos de divulgação de estudos e pesquisas.		

BNCC	20	Habilidades de Língua Portuguesa
EM13LP31		<i>Campo das práticas de estudo e pesquisa</i>
Compreender criticamente textos de divulgação científica orais, escritos e multissemióticos de diferentes áreas do conhecimento, identificando sua organização tópica e a hierarquização das informações, identificando e descartando fontes não confiáveis e problematizando enfoques tendenciosos ou superficiais.		

Entendemos que, a essa altura, os alunos e os alunos já leram toda a novela e que é hora de discutir como o livro acaba.

Neste epílogo, Júlia procura a Secretaria Nacional de Direitos Humanos para relatar sua história e inscrevê-la, portanto, na história oficial do país. Depois, ela conhece mais alguns detalhes, que finalmente esclarecem o que ainda faltava. Há, portanto, uma retomada de toda a trajetória do livro e, finalmente, a compreensão da tragédia que percorre a sua história familiar.

O fim do livro apresenta Júlia finalmente entendendo o seu passado e se reencontrando com ele. Isso não o muda, mas a faz ter uma visão mais completa e madura dos acontecimentos.

Diante dessa situação, sugerimos uma aula debate de finalização da leitura, com uma pergunta orientadora: “O que Júlia aprendeu durante essa pesquisa?”

O debate deve ser franco e permitir também que os alunos expressem os sentimentos e dificuldades que tiveram durante a leitura.

Tempo estimado: uma aula de 50 minutos.

Pós-leitura: Como contar a história de um alguém que viveu o regime militar e cuja história o Estado brasileiro não reconheceu por décadas? Como pôr no papel um relato oral sobre essa vida?

Nessa última atividade sugerida, propomos que as alunas e alunos visitem a página de vídeos do Memorial da Resistência de São Paulo, em [Memorial da Resistênciasp](http://memorialdaresistenciasp.org.br)¹, um dos raros espaços de Memória da ditadura militar mantidos pelo Estado no Brasil.

Nessa página, há uma sessão dedicada à “Coleta Regular de Testemunhos”, em vídeos. É com esses vídeos que vamos desenvolver a última atividade.

A professora ou o professor responsável pela atividade deve escolher até três dos vídeos disponíveis e exibi-los em sala de aula. São vídeos curtos, de poucos minutos. A escolha pode ser feita a partir do perfil da turma. A ideia é apresentar o relato como uma forma de reconstruir o passado.

Isso, sempre considerando o desenvolvimento das seguintes habilidades:

¹<http://memorialdaresistenciasp.org.br/acervo/>
Acessado em 21/03/2021.

BNCC 21

Habilidades de Língua Portuguesa

 EM13LP33 *Campo das práticas de estudo e pesquisa*

Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

BNCC 22

Habilidades de Língua Portuguesa

 EM13LP37 *Campo jornalístico-midiático*

Conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc. –, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia.

Após a exibição do vídeo, as alunas e alunos devem ser chamados a escolher, individualmente, um depoimento como um trabalho a ser entregue posteriormente.

A partir do relato e de uma pesquisa adicional, caberá ao aluno escrever um texto de uma página, reunindo informações relevantes que coletou e apresentando essa personagem para um leitor.

Ao professor, cabe dar orientações sobre como escrever um relato evitando a ficcionalização: ou seja, referenciando as fontes, indicando o que se sabe e o que não se sabe, identificando o que é fala da própria personagem e o que encontrou em outros lugares etc.

Esse trabalho precisa, necessariamente, contar com um retorno, de preferência individualizado, detalhando os sucessos e os problemas da escrita não ficcional, em seu compromisso factual.

Tempo estimado: duas aulas de 50 minutos (uma para a apresentação do trabalho, outra para o retorno da escrita)

4 Sugestões de referências complementares

4.1 Sites:

- Relatórios da Comissão Nacional da Verdade. Brasil: Comissão Nacional da Verdade, 2014. Disponível em cnv.memoriasreveladas.gov.br². Acesso em 17 fev. 2021.

Os relatórios da CNV são o mais completo trabalho realizado pelo Estado brasileiro no sentido de recuperar e reparar o passado ditatorial.

- MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. “Acervo digital do Memorial da Resistência”. Endereço online: memorialdaresistenciasp.org.br/acervo/³. Acesso em 2 mar 2021.

Nesta página online, estão reunidos diversos depoimentos em vídeo e farto material fotográfico organizado pelo museu mantido pelo Estado de São Paulo.

4.2 Filme:

- *Feliz Ano Velho*. Direção: Roberto Gervitz (Brasil, 1987).

Filme baseado no relato de Marcelo Rubens Paiva, narra a trajetória de um filho de um importante deputado federal morto pela Ditadura Militar. O garoto sofre um acidente, ao pular de uma cachoeira, e o período do fim do regime que perseguiu e assassinou seu pai se mistura com um drama pessoal.

²<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>

Acessado em 21/03/2021.

³<http://http://memorialdaresistenciasp.org.br/acervo/>

Acessado em 21/03/2021.

5 Bibliografia comentada

- BRASIL. Relatórios da Comissão Nacional da Verdade. Brasil: Comissão Nacional da Verdade, 2014. Disponível em cnv.memoriasreveladas.gov.br⁴. Acesso em 17 fev. 2021.

Os relatórios da CNV são o mais completo trabalho realizado pelo Estado brasileiro no sentido de recuperar e reparar o passado ditatorial.

- BRASIL. Literatura e memória: conversa com Bernardo Kucinski. Disponível em .⁵ Acesso em 1 abr. 2021.

Em debate com professores universitários de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, B. Kucinski fala de sua obra, inclusive sobre *Júlia – nos campos conflagrados do Senhor*, sobre a situação do país e sobre as relações entre realidade e ficção.

- COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO RUBENS PAIVA. *Infância roubada*, crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil. São Paulo: Assembleia Legislativa, Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, 2014. Disponível em al.sp.gov.br⁶. Acesso em 17 fev. 2021.

Produzido por uma comissão designada pela Assembleia Legislativa de São Paulo, *Infância roubada* recuperou a memória de diversas crianças que foram atingidas pela ditadura militar. Há aqueles cujos pais seguem desaparecidos, crianças que foram criadas sem saberem de seu passado e até mesmo crianças, hoje adultos, que foram mantidos sob custódia ilegal de agentes da repressão enquanto os pais e mães eram torturados. Esse livro pode ser usado como material de apoio para os professores.

⁴<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>
Acessado em 21/03/2021.

⁵youtu.be/6jqMK8vqYQM Acessado em 21/03/2021.

⁶https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf Acessado em 21/03/2021.

Nessa resenha de *Júlia*, o jornalista e pesquisador Camilo Vanucchi apresenta um pouco também do Bernardo Kucinski professor da Escola de Comunicações e Artes. Ele lembra que, apesar de reconhecido como jornalista, Kucinski não era reconhecido especialmente pela qualidade de texto. O jornalista, entre outros aspectos, chama a atenção para o fato de que o jornalista cujos textos davam “algum trabalho aos revisores” seja hoje um ficcionista consagrado.

- COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO RUBENS PAIVA. *Infância roubada*, crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil. São Paulo: Assembleia Legislativa, Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, 2014. Disponível em al.sp.gov.br⁷. Acesso em 17 fev. 2021.

Produzido por uma comissão designada pela Assembleia Legislativa de São Paulo, *Infância roubada* recuperou a memória de diversas crianças que foram atingidas pela ditadura militar. Há aqueles cujos pais seguem desaparecidos, crianças que foram criadas sem saberem de seu passado e até mesmo crianças, hoje adultos, que foram mantidos sob custódia ilegal de agentes da repressão enquanto os pais e mães eram torturados. Esse livro pode ser usado como material de apoio para os professores.

- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

Neste livro, Figueiredo organiza a produção literária sobre a ditadura militar, desde os livros produzidos anos 1970, ainda sob o regime, até a dos anos 2000, marcada pela influência das Comissão de Anistia e da Comissão Nacional da Verdade. Figueiredo contrapõe a intensa

⁷https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf Acessado em 21/03/2021.

preocupação dos escritores do período à lentidão do Estado brasileiro em reconhecer seus crimes contra os cidadãos brasileiros.

- GERVITZ, Roberto. *Feliz Ano Velho*. Filme baseado no relato de Marcelo Rubens Paiva, narra a trajetória de um filho de um importante deputado federal morto pela Ditadura Militar. O garoto sofre um acidente, ao pular de uma cachoeira, e o período do fim do regime que perseguiu e assassinou seu pai se mistura com um drama pessoal. Brasil, 1987. O filme foi lançado em DVD.
- JUNGES, Márcia. “A apuração da verdade: grande medo das instituições militares”. Revista do IHU Online, número 358, p. 16-18. São Leopoldo: 18 abr. 2011. Disponível em ihuonline.unisinos.br⁸. Acesso em 2 mar 2021.
Nesta entrevista a Márcia Junges, o filósofo Edson Teles discute a questão da violência da ditadura brasileira e algumas de suas consequências. Ele também explica porque África do Sul, Argentina e Chile lidaram melhor com o passado ditatorial que o Brasil.
- MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. “Acervo digital do Memorial da Resistência”. Nesta página online, estão reunidos diversos depoimentos em vídeo e farto material fotográfico organizado pelo museu mantido pelo Estado de São Paulo. Endereço online: memorialdaresistencia.org.br/acervo/⁹. Acesso em 2 mar 2021.
- OLIVIERI-GODET, Rita e GARCIA, Mireille. *Revista brasileira de estudos de literatura contemporânea*, nº 60. Brasília: UnB, maio/ago. 2020. Disponível em periodicos.unb.br¹⁰. Acesso em 17 fev. 2021.

⁸<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao358.pdf> Acessado em 21/03/2021.

⁹<http://http://memorialdaresistencia.org.br/acervo/> Acessado em 21/03/2021.

¹⁰periodicos.unb.br/index.php/estudos/issue/view/1995 Acessado em 21/03/2021.

Esse número da *Revista brasileira de estudos de literatura contemporânea* é dedicado inteiramente à produção literária que tem como tema a ditadura militar brasileira. Nesse sentido, trata-se de uma excelente leitura para quem for trabalhar com *Júlia* *brincando nos campos conflagrados do Senhor*, pois permite à professora e ao professor ter acesso a diferentes abordagens sobre esse verdadeiro gênero, hoje, na produção literária nacional. Dois primeiros artigos e uma resenha são dedicados a livros de B. Kucinski.

- VANUCCHI, Camilo. “Com ‘Júlia’, Kucinski se consagra como genial romancista da ditadura”. UOL, 03/07/2020. Disponível em uol.com.br¹¹. Acesso em 2 mar. 2021.

Nessa resenha de *Júlia*, o jornalista e pesquisador Camilo Vanucchi apresenta um pouco também do Bernardo Kucinski professor da Escola de Comunicações e Artes. Ele lembra que, apesar de reconhecido como jornalista, Kucinski não era reconhecido especialmente pela qualidade de texto. O jornalista, entre outros aspectos, chama a atenção para o fato de que o jornalista cujos textos davam “algum trabalho aos revisores” seja hoje um ficcionista consagrado.

- REINA, Eduardo. *cativeiro sem fim – as histórias dos bebês, crianças e adolescentes sequestrados pela ditadura*. São Paulo: Alameda, 2019.

Este livro procurou, a partir de diversas pistas deixados por outros relatos menos atentos e uma longa reportagem, recuperar a trajetória de crianças tiradas de seus pais e adotadas ilegalmente por militares ou apoiadores do regime durante a ditadura.

¹¹<https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/07/03/com-julia-kucinski-se-consagra-como-genial-romancista-da-ditadura> htm Acessado em 21/03/2021.